

PREFÁCIO

EXPOSIÇÃO E PENSAMENTO CRÍTICO

CÂNDIDO DA AGRA

AICLP; UNIVERSIDADE DO PORTO

the portuguese prison photo project – Montagem da exposição.



Sob esta epígrafe se apresentam duas séries de considerações. A primeira, centra-se numa exposição de fotografias que teve por objeto a prisão. A segunda, tem por objeto um colóquio internacional enxertado no corpo desta exibição pública. Esta obra dá nota dos contributos, na sua forma escrita, deste momento coloquial que teve lugar nos dias 12 e 13 de outubro de 2017, isto é, publica-se um elemento de um todo que foi o “The Portuguese Prison Photo Project” (Porto, 2017). Porquê este rumo discursivo da fala inicial a que se dá o nome de prefácio? Porque não se compreende a parte sem o todo, nem o todo sem a parte de um mesmo evento. O acontecimento *qua tale* foi e é o *logos* da imagem da prisão e o discurso crítico-analítico sobre a prisão.

1. O SENTIDO DE UMA EXPOSIÇÃO

Há exposições sem sentido. E mesmo *non sense*: aquelas que alimentam aquilo que G. Simel designou “A tragédia da Cultura”. Tragédia evidenciada pelo autor nos anos 30 do século XX e que não cessou, ao longo destes últimos noventa anos, de se avolumar. O crime, o delinquente, a prisão tornaram-se verdadeiros objeto *fetiché* do mercado consumerista pseudocultural nas suas multímodas expressões.

Foi isso que tentei evitar quando, no final da Conferência da “European Society of Criminology” (evento científico que teve lugar na Universidade do Porto em 2015), Daniel Fink me propôs a organização conjunta de uma exposição de fotografias sobre a prisão. O investigador do Ministério da Justiça Suíço estava fascinado com a antiga Cadeia Civil do Porto, onde funciona hoje o Centro Português de Fotografia (CPF). Organizara uma primeira experiência numa antiga prisão suíça. Respondi-lhe que a prisão-espetáculo me não interessava. Prisão e Presos (do passado ou atuais) fixados em imagens “à solta”, desprovidas de uma lógica histórico-reflexiva poderiam constituir uma desontologização da vida na sua dimensão sofrente.

Propus-lhe que a Exposição só teria sentido caso as fotografias tiradas ao interior e exterior dos estabelecimentos prisionais por dois fotógrafos, um Português e outro Suíço, fossem acompanhadas por uma componente fundamental: a notícia histórica das prisões portuguesas.

Tal tarefa foi levada a cabo pela Professora Doutora Maria José Moutinho que infundiu sentido às fotografias atuais através de objetiva informação decorrente de evidenciação histórico-científica a partir das fontes, selecionando, num jogo dialético entre as fotografias e a informação de arquivo, dois tipos de dados: (i) aqueles que permitiram ao visitante, através da leitura ilustrada, compreender os diferentes contextos socio-históricos que enquadraram a arquitetura, as políticas e as práticas penitenciárias; (ii) aqueles elementos através dos quais o visitante pôde perceber

as condições de emergência dos saberes do crime: os instrumentos antropométricos utilizados na antropologia criminal emergente durante as três últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX (foram expostas diferentes peças de museu como compassos, esquadros, livros de registros, fichas antropométricas, etc.).

2. PENSAMENTO CRÍTICO A):

O SENTIDO DE UMA CONFERÊNCIA CIENTÍFICA

Os textos que aqui se oferecem à pública vontade de saber sobre a prisão são o fruto de uma intencionalidade: contribuir para uma operação cognitiva que designaríamos por *crítica da razão punitiva*. Historiadores, Penalistas, Penitenciarietas, Criminólogos, Técnicos de terreno, durante dois dias apresentaram reflexões que, enquadradas nas respectivas especificidades intra-disciplinares, se transformaram, através da ética da discussão que as animou, num exercício interdisciplinar cujas linhas convergem naquilo que M. Foucault chamou “sistema de racionalidade subjacente às práticas punitivas”. Colocada diante dos nossos olhos quer a profundidade histórica quer a atualidade podemos deslindar o sentido e a vontade da conservação, das mudanças e das transformações? Talvez hoje nos envergonhemos do sistema penitenciário moderno. No entanto, o Século XIX orgulhou-se delas, ensina-nos o grande filósofo das teorias e instituições penais na sua clássica obra “Vigiar e Punir”. Se a vontade de renovação se vier a tornar operatória, haverá que estudar duas macro-variáveis do sistema: as instituições e seus efeitos; o tipo de pensamento que as sustém. Foram estas duas variáveis que, de modo latente, ordenaram a dispersão dos discursos sobre a prisão. Tornar manifestas estas variáveis e esclarecê-las através dos métodos histórico, filosófico e científico poderia constituir um verdadeiro projeto interdisciplinar cujo ganho em racionalidade permitiria dissipar as trevas em que mergulha um sistema que tarda em olhar de frente as suas ambiguidades, as suas contradições, porventura as suas perversidades. Talvez a percepção de través sirva táticas punitivas inscritas no ciclo da consciência mole-consciência trágica ou da “boa consciência-má consciência” (aplico à prisão a terminologia de F. Tulkens e de M. Van de Kerkove quando se referem ao Direito Penal).

3. PENSAMENTO CRÍTICO B):

INTENCIONALIDADE DA IMAGEM E ESTÉTICA DO TRÁGICO

Assim designo uma componente de investigação que nasce neste projeto. A questão de base é esta: qual a intencionalidade das exposições da prisão e dos presos? O projeto compreende duas vertentes: uma filosófica outra científica.

A primeira tem por objeto o sistema constituído pela imagem, a perceção, a memória e o imaginário bem como os mecanismos conscientes e inconscientes de um sistema que se coloca sob signo da estética de um objeto trágico. Qual a finalidade da arte fotográfica quando aplicada aos sistemas penitenciários? A hipótese, inspirada na filosofia de Deleuze, é a seguinte: arrancar o perceto às perceções do objeto (neste caso a prisão); arrancar o objeto aos estados do sujeito que percebe; arrancar o afeto às afeções. Em suma, operar passagens de um estado a outro, através da extração de um dado “bloco de sensações”.

A segunda vertente é de natureza empírica. Envolve as seguintes metodologias: a etnometodologia (observação em contexto natural dos atores da exposição, designadamente visitantes); as técnicas de inquérito e de entrevista (aplicadas a visitantes) as técnicas laboratoriais (exibição de fotografias de prisão em situação laboratorial).

O estudo iniciou com a própria montagem da exposição, entre 25 de agosto e 8 de setembro de 2017, e prolongou-se até ao seu encerramento. Vai ser continuado na 2ª exposição que terá lugar em Lisboa em 2019, na Prisão do Aljube.

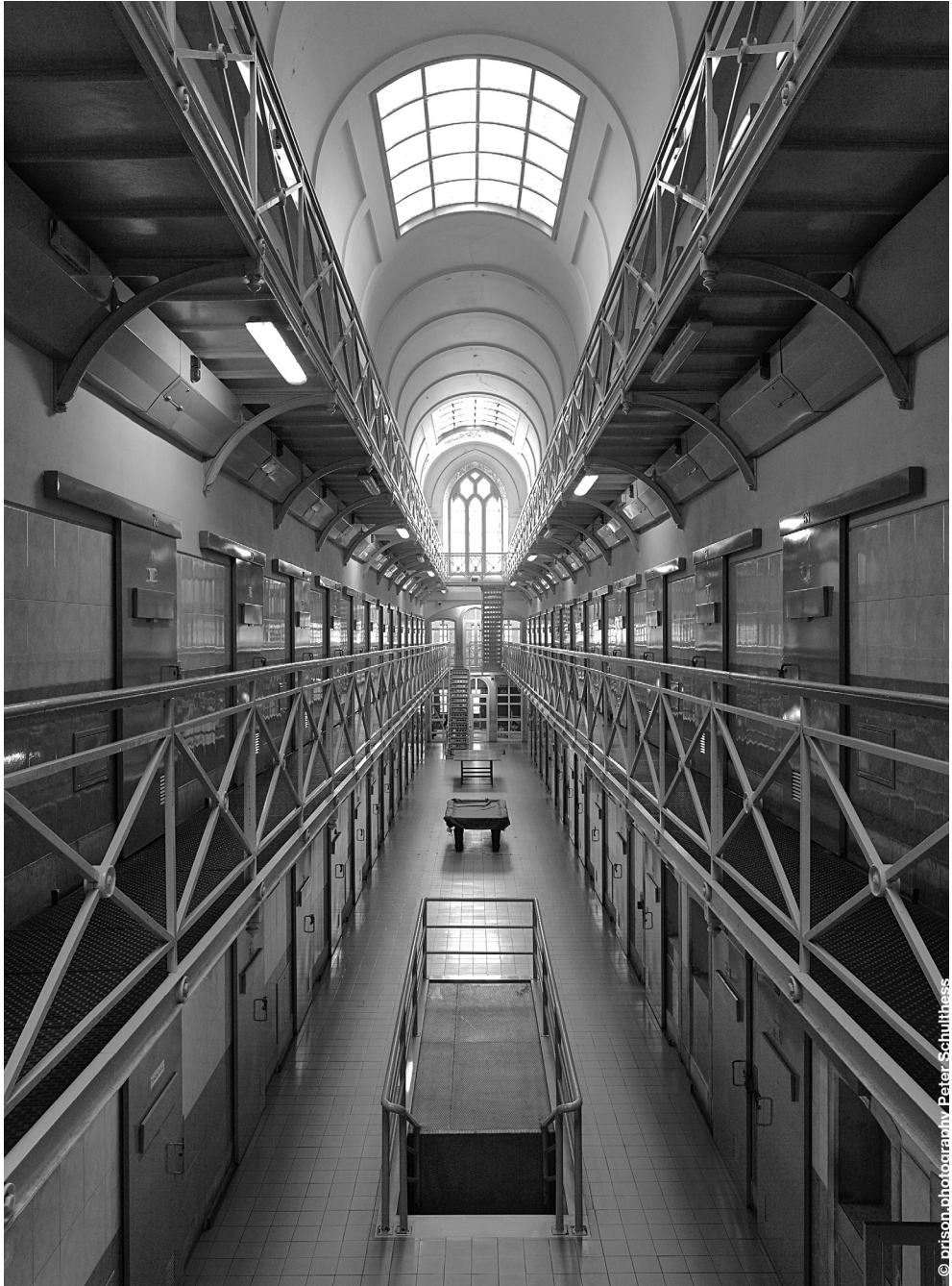
Três breves considerações para dizer aos leitores que o “The Portuguese Prison Photo Project” é mais do que uma exposição de fotografias de estabelecimentos prisionais. Parte dela, mas para projetá-la no horizonte de uma crítica da razão punitiva articulada com uma crítica da estética do trágico.

the portuguese prison photo project – Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Feminino.



© prison photography Peter Schultness

the portuguese prison photo project – Estabelecimento Prisional de Lisboa.



© prisonphotography Peter Schiffler